

# O USO DISFUNCIONAL DA INTERNET: RISCOS PARA A SAÚDE DO ADOLESCENTE

## THE DYSFUNCTIONAL USE OF THE INTERNET: RISKS TO ADOLESCENT HEALTH

<b>Elen Dione Garcia Veloso Machado</b>	Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil <a href="mailto:dioneelen9@gmail.com">dioneelen9@gmail.com</a>	
<b>Ursula Souza da Silva</b>	Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil <a href="mailto:hist.ussp@gmail.com">hist.ussp@gmail.com</a>	
<b>Camila Miranda de Amorim Resende</b>	Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil <a href="mailto:camila.mdamorim@gmail.com">camila.mdamorim@gmail.com</a>	
<b>Resumo</b>	<p>Adolescentes na era digital usam a internet para comunicação, aprendizado e conexão social, tendo significativa presença dos dispositivos digitais e redes sociais no cotidiano destes. O objetivo deste artigo é compreender como os adolescentes acessam e se relacionam na rede virtual, destacando a percepção de adolescentes quanto aos riscos relacionados à articulação entre internet e sexualidade (<i>sexting</i>, <i>sextorsão</i> e <i>grooming</i>), e os impactos na saúde do adolescente. Para tal busca, conceituar tais riscos; conhecer possíveis impactos para a vida dos adolescentes entrevistados; e destacar a importância de um processo educativo envolvendo as relações virtuais. A pesquisa teve a participação de 12 adolescentes de 12 a 18 anos em Volta Redonda/RJ, utilizou-se de um roteiro com perguntas semiestruturadas. Os dados obtidos foram analisados por meio da metodologia de análise dos discursos e foram separados em quatro dimensões temáticas. Na primeira dimensão, é possível observar os impactos na autoimagem, devido à influência dos conteúdos das redes sociais. Na segunda, observou-se as repercussões físicas, emocionais e a ocorrência de <i>cyberbullying</i>, associadas à extensão do tempo de acesso diário à internet. Constatou-se, na terceira dimensão, a presença de conexões inseguras, incluindo interações com estranhos e conteúdos indevidos. Na última dimensão, observou-se a falta de familiaridade com termos como <i>sexting</i>, <i>sextorsão</i> e <i>grooming</i>, o que destaca a urgência na educação digital. Compreender e abordar os desafios da sexualidade <i>online</i> para adolescentes requer uma educação digital ampla, apoio emocional e conscientização dos riscos, enfatizando a urgência em criar ambientes <i>online</i> seguros.</p>	
<b>Palavras-chave</b>	<i>Cyberbullying</i> . Adolescência. Sexualidade <i>Online</i> . Percepção. Redes Sociais.	
<b>Abstract</b>	<p>Teenagers in the digital age use the internet for communication, learning and social connection, with a significant presence of digital devices and social networks in their daily lives. The objective of this article is to understand how teenagers access and interact on the virtual network, highlighting the perception of teenagers regarding the risks related to the articulation between the internet and sexuality (<i>sexting</i>, <i>sextortion</i> and <i>grooming</i>), and the impacts on adolescent health. For this search, conceptualize such risks; understand possible impacts on the lives of the interviewed teenagers; and highlight the importance of an educational process involving virtual relationships. The research had the participation of 12 teenagers aged 12 to 18 in Volta Redonda/RJ, using a script with semi-structured questions. The data obtained was analyzed using the discourse analysis methodology and was separated into four thematic dimensions. In the first dimension, it is possible to observe the impacts on self-image, due to the influence of social media content. In the second, physical and emotional repercussions and the occurrence of <i>cyberbullying</i> were observed, associated with the extension of daily internet access time. In the third dimension, the presence of insecure connections was found, including interactions with strangers and inappropriate content. In the last dimension, a lack of familiarity with terms such as <i>sexting</i>, <i>sextortion</i> and <i>grooming</i> was observed, which highlights the urgency in digital education. Understanding and addressing the challenges of online sexuality for teens requires broad digital education, emotional support, and awareness of risks, emphasizing the urgency of creating safe online environments.</p>	
<b>Keywords</b>	Cyberbullying. Adolescence. Online Sexuality. Perception. Social Media.	
	Licença de Atribuição BY do Creative Commons <a href="https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/">https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/</a>	Aprovado em 10/04/2024 Publicado em 30/04/2024

## 1. Introdução

Os dispositivos digitais como *smartphones* e *tablets*, assim como as redes sociais, fazem parte do cotidiano na atualidade, a fim de atender a diversas funções: educacionais, profissionais, de entretenimento, afetivas etc., o que leva a reflexão de que grande parte das relações sociais ocorrem no mundo virtual. Tendo como perspectiva o processo de desenvolvimento humano, no que se refere especificamente à fase da adolescência e suas peculiaridades, o presente trabalho busca compreender como os adolescentes acessam e se relacionam na rede virtual, com destaque para a percepção dos mesmos quanto aos riscos relacionados à articulação entre internet e sexualidade (*sexting*, *sextorsão* e *grooming*), assim como para os impactos na sua saúde. Para tal, busca conceituar tais riscos, conhecer possíveis impactos para a vida dos adolescentes entrevistados; e destacar a importância de um processo educativo envolvendo as relações virtuais.

A percepção dos adolescentes em relação aos riscos relacionados à sexualidade no mundo virtual pode variar significativamente, com base em diversos fatores como idade, experiência, educação sexual, contexto cultural e influências sociais. Esses fatores desempenham um papel importante na maneira como os adolescentes entendem e lidam com a sexualidade na era digital. Embora possuam um conhecimento técnico mais avançado em comparação às gerações anteriores, essa maior familiaridade nem sempre está acompanhada de plena consciência dos riscos associados. Acredita-se que se faz necessário colaborar com a divulgação de informações a respeito, pois, como pessoas em desenvolvimento, os adolescentes provavelmente não sabem identificar nem se proteger de tais riscos no ciberespaço.

A contribuição da psicologia, neste contexto, revela-se fundamental, valendo-se de uma perspectiva de prevenção e está diretamente relacionada a uma educação digital, que contemple estratégias com o escopo de suscitar reflexões acerca dos riscos, das responsabilidades e das consequências a longo prazo, visto que, muitas vezes, o adolescente envolve-se em comportamentos negativos *online*, sem considerar sua motivação para tal.

O presente estudo de caráter qualitativo, de campo e bibliográfico, utilizou como instrumento um roteiro com perguntas semiestruturadas (APÊNDICE A), que:

permite captar além de dados, subjetividades, significados e comportamentos, tais como o que as pessoas desejam, no que elas creem, o que elas sabem sobre determinado fato, motivos, o que fazia, fazem ou irão fazer diante de determinada situação (MARCELINO, 2020, p. 34).

A pesquisa contou com a participação de 12 adolescentes, entre 12 e 18 anos, residentes do município de Volta Redonda/RJ. A amostra foi por conveniência, a partir de indicação da rede de contatos particular das pesquisadoras, moradores de Volta Redonda. Os dados obtidos na pesquisa foram analisados por meio da metodologia de análise dos discursos (MINAYO, 2004).

## 2. Adolescentes conectados

No Brasil, 96% dos usuários de internet entre 9 a 17 anos estão conectados todos os dias, ou quase todos os dias, segundo dados da TIC Kids (CETIC.BR, 2022), cuja missão é monitorar a adoção e o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por crianças e adolescentes no país. Tais pesquisas são coordenadas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), criado em 2005, sendo um departamento ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br).

Mundialmente, na adolescência, o consumo digital diário atinge cerca de 7h22 (DESMURGET, 2021, p. 52). É fundamental destacar que essa utilização não é totalmente desfavorável, e tampouco homogênea. A finalidade do uso, as características etárias, de gênero, socioeconômicas e culturais da família desempenham um papel importante em relação aos hábitos de utilização.

De acordo com Desmurget (2021, p. 25), as práticas das novas gerações se articulam prioritariamente em torno de atividades recreativas, que são básicas e pouco instrutivas.

Entre 13 e 18 anos, o consumo dos meninos continua superando o das meninas, porém mais ligeiramente (29 minutos). Na adolescência, as meninas preferem as redes sociais (1h30 contra 51 minutos), ao passo que os meninos dedicam mais tempo aos videogames (2h17 contra 47 minutos) (RIDEOUT et al., 2019; apud DESMURGET, 2022, p.53).

Observa-se uma dificuldade de o jovem identificar práticas abusivas nas relações estabelecidas no ciberespaço, ambiente no qual a exposição da rotina é uma prática valorizada. Os usuários tornam-se, com isso, suscetíveis aos riscos atinentes à segurança, visto que, no envio de mensagens, fotos, vídeos etc., podem informar também a sua localização em tempo real. Em consonância, Bretan (2012) afirma

Por sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, que, em geral, os torna mais vulneráveis que os adultos, crianças e adolescentes podem não ser capazes de identificar esses riscos ao utilizar a tecnologia ou, identificando-os, podem subestimar

a sua intensidade ou superestimar a própria capacidade de evitar possíveis consequências de comportamentos de risco (BRETAN, 2012, p. 6).

O acompanhamento, de caráter preventivo, e a vigilância dos pais e/ou responsáveis, revela-se como um grande desafio, na medida em que os mais jovens são hábeis no manejo das funções dos dispositivos digitais: *downloads*, compartilhamento de dados, instalação de aplicativos etc., e, na maioria das vezes, os seus responsáveis não dominam tais técnicas. Deste modo, nem sempre os pais e/ou responsáveis conseguem ter controle do uso da internet pelos seus filhos, em especial quando se trata do acompanhamento do conteúdo acessado, das postagens que fazem ou compartilham e do tempo que seus filhos ficam conectados. Comumente, os pais percebem o desenvolvimento de complicações quando problemas mais graves que afetam a saúde mental de seus filhos, se instalam.

Reconhecer as sementes de tais problemas e prevenir ou intervir precocemente é muito mais eficaz do que tentar corrigir um hábito profundamente enraizado em uma criança ou adolescente que talvez já tenha um prejuízo físico, psicológico ou do desenvolvimento sustentado. (YOUNG; ABREU, 2019, p. 12).

#### *Sexting, sextorsão e grooming: conexões de risco*

No ciberespaço, a prática de crimes contra crianças e adolescentes é crescente e a exposição em excesso torna-os vulneráveis ao assédio de criminosos que, através de perfis falsos, aproximam-se de suas vítimas com relativa facilidade. Estudos científicos comprovam que a tecnologia influencia a ocorrência de comportamentos capazes de provocar prejuízos e danos à saúde. O uso precoce, e de longa duração, de jogos *online*, redes sociais e afins, pode provocar uma série de problemas, inclusive os que envolvem a sexualidade, como maior vulnerabilidade à pornografia, acesso facilitado às redes de pedofilia e exploração sexual *online* (SBP, 2016).

Diante dessa realidade, isto é, de uma sociedade cada vez mais conectada ao virtual e em consonância às observações técnicas a respeito dos possíveis efeitos provenientes da exposição a telas precocemente e/ou em excesso, o Manual de Orientação #MENOS TELAS #MAIS SAÚDE, produzido pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), tece recomendações relevantes, pautadas nas fases do desenvolvimento humano. Aos adolescentes com idades entre 11 e 18 anos, o manual sugere a limitação do tempo de telas a um período de 2-3 horas/dia e sob supervisão, entre outras prescrições. É importante considerar que:

Por meio de ferramentas de bate-papo, como chats, e-mails ou sites de relacionamentos, que os adolescentes podem ser convidados a participar de jogos

*online* ou para encontros no mundo real. Essas mensagens podem esconder intenções de abuso e exploração sexual (CHILDHOOD INSTITUTO, 2012, p. 15).

Tais intenções estão atreladas ao sexting, que pode ser compreendido como: mensagens, fotos ou vídeos de conteúdo sensual e/ou sexual que são transmitidas como comportamentos de sedução ou atração de outra pessoa através da internet, e que pode caracterizar exposição corporal de criança ou adolescente e crime de exploração sexual *online*. Frequentemente, acompanham o ato de *cyberbullying* entre adolescentes (SBP, 2016). É uma ocorrência preocupante e que possui relação direta com a segurança, pois os adolescentes se arriscam ao produzirem imagens e/ou vídeos do próprio corpo e enviam por *smartphone*, telefone móvel, sendo o destinatário, por vezes, seu parceiro em uma relação afetiva ou alguém que seja alvo de interesse do remetente na intenção de paquerar, flertar, mesmo que não haja, necessariamente, a correspondência de intencionalidade. Conforme citado, a prática não é exclusiva da adolescência, porém a literatura indica que nesta faixa etária o sexting frequentemente é associado à impulsividade, à inconsequência, aos comportamentos sexuais de risco, à pressão de pares, à tentativa de obter atenção familiar e até à expectativa de ganhar popularidade (MEJÍA-SOTO, 2014; CARDOSO; FALCKE; MOSMANN, 2019).

Contudo, existe a possibilidade de compartilhamento para terceiros, sendo difícil o controle e o conhecimento acerca do alcance, arquivamento e de visualizações do conteúdo. Cabe ressaltar que o reenvio de arquivos dessa natureza configura a prática de sexting por quem os transmite, mesmo que não conheça o autor. Abreu et al. (2013) citam que, caso ocorra o compartilhamento indevido de material com exposição íntima infanto-juvenil por adultos, configura-se como uma prática de corrupção de menores.

Quando o pretensamente privado se dá a conhecer a outras pessoas ou se faz público com o protagonista sendo identificável, este sofre um dano moral irreparável e uma violação da sua privacidade, o que pode acarretar problemas psicológicos como ansiedade ou depressão e sintomas associados (ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON, 2013, p. 74).

Como possíveis consequências do *sexting* tem-se o *grooming*, caracterizado por técnicas de sedução ou comportamentos sedutores que acontecem nas redes sociais quando uma pessoa mal-intencionada, ou pedófila, tenta atrair uma criança ou adolescente com falsidades, ou inventando histórias ou mentiras para capturar a atenção da vítima (SBP, 2016). Destaca-se também, neste cenário, a sextorsão, que ocorre quando uma imagem comprometedor de tipo sexual chega a mãos indesejáveis e dá início a uma chantagem, ou quando quem a recebeu

originalmente deseja causar dano ao remetente, por exemplo, em caso de término de relacionamento amoroso.

O mecanismo é simples: alguém, conhecido ou não, ameaça a quem protagoniza a imagem de torná-la pública ou enviá-la a outras pessoas caso não cumpra suas exigências. Trata-se, portanto, de extorsão ou chantagem, delito que afeta com muita frequência adolescentes e mulheres jovens que praticam “cibersexo”, mostrando partes íntimas via webcam (ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON, 2013, p. 75).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069/90, sofreu alteração pela Lei nº 11.829/08 (BRASIL, 2008), que modificou a redação dos art. 240 e 241 para tipificar delitos e penalidades relacionados à pornografia infanto-juvenil, como a produção, armazenamento, divulgação, entre outros referentes às práticas pornográficas ou de cunho sexual explícito.

O *sexting*, o *grooming* e a sextorsão promovem o *cyberbullying*, também chamado de *bullying* virtual. Compreende-se por *cyberbullying* o mesmo ato de violência do *bullying*, com o destaque de ocorrer nas redes sociais ou em jogos *online*, na internet, o que faz extrapolar todas as barreiras e se disseminar sem qualquer controle (SBP, 2016). *Bullying*, termo da língua inglesa, é o termo

[...] utilizado para descrever atos de violência física, psicológica ou sexual, intencionais, para intimidação, ofensa, humilhação, depreciação, maltrato ou ameaça por um indivíduo (bully) ou grupo de indivíduos/pares de colegas, com o objetivo de agredir, amedrontar ou exercer o poder da força contra outro indivíduo ou grupo de indivíduos/pares de colegas incapaz(es) de se defender (SBP, 2016, p.9).

O *bullying* tradicional, que traz implicações dolorosas à vítima por um espaço e tempo razoavelmente delimitados, diferencia-se do *cyberbullying*, cuja característica fundamental é a propagação ininterrupta e sua repercussão contínua. O uso de ferramentas tecnológicas de interação como o *smartphone*, telefone móvel, propiciam o compartilhamento ilimitado de conteúdo.

O *cyberbullying*, o *sexting*, o *grooming* e a sextorsão podem ser eventos configurados como violência, capazes de produzir consequências graves à vítima. O *sexting* pode acarretar divulgação indevida de imagens e vídeos de nudez ou sexo. A sextorsão faz menção a ameaça de divulgar vídeos e fotos íntimas da vítima, caso esteja não ceda às exigências do autor. Por fim, o *grooming* trata-se do aliciamento de menores de idade através da internet, ocasionado pela busca de benefícios sexuais. Os dois últimos podem ser considerados *cyberbullying*.

Percebe-se que todas as outras situações mencionadas têm relação entre si, pois fazem uma analogia à sexualização do adolescente na mídia virtual, sendo capazes de desencadear

danos irreparáveis a figura pessoal da vítima. Diante deste fato, este tema merece um enfoque, a fim de propiciar o combate de tais crimes cibernéticos.

### **3. Adolescentes e percepção de risco: imaturidade e impulsividade para lidar com o mundo virtual**

Os riscos inerentes ao uso da internet por adolescentes no mundo contemporâneo muitas vezes são subestimados pelos próprios adolescentes que cresceram na era digital, em que a conectividade é uma constante. Atualmente, é notório a prática frequente de abusos e violência no campo virtual. Infelizmente, nem sempre o adolescente tem o discernimento esperado para identificar essa prática abusiva, levando-o a replicar tais comportamentos abusivos no que tange às relações interpessoais e afetivas. Essa inocência é marcada pelo fato de possuírem dificuldades de lidar com a imaturidade e impulsividade e também pela soberania de acreditar que conhece todos os riscos e tem a capacidade de não se envolver.

A adolescência é uma fase conturbada da vida humana, caracterizada por uma intensa instabilidade emocional, com implicações psicológicas importantes, que se estendem nos âmbitos individual e social. Ainda que as vivências sejam singulares, é possível delimitar algumas particularidades fundamentadas por teorias clássicas acerca desse estágio intermediário, como por exemplo, a Síndrome da Adolescência Normal, de Aberastury e Knobel (1981), teoria esta que destaca como imperioso desta fase, a busca de si mesmo e de independência dos pais e ou responsáveis, concomitante às transformações corporais impostas pela puberdade, fenômeno fisiológico que marca a transição para a vida adulta, bem como aos aspectos relacionados à maturação neurológica e sexual ainda em desenvolvimento. Espera-se que ao final desta etapa, esteja presente um conhecimento do sujeito sobre si mesmo, um senso de responsabilidade e de identidade desvinculada de seus pais protetores de outrora.

Sintetizando as características da adolescência, podemos descrever a seguinte sintomatologia que integraria esta síndrome: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais;

e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p.29).

Os adolescentes contemporâneos cresceram com a tecnologia como uma parte integral de suas vidas desde o início, resultando em uma maior familiaridade com as ferramentas digitais e uma disposição natural para compartilhar informações pessoais e interagir virtualmente. Entretanto, nem sempre o adolescente tem a capacidade de identificar os riscos cibernéticos, uma vez que não possuem maturidade emocional e psicológica, e acabam sendo atingidos por tais circunstâncias abusivas, expondo-os a ameaças como *ciberbullying*, assédio *online* e vazamentos de informações pessoais.

A problemática está justamente no excesso de confiança desse público, que se expõe desnecessariamente aos estressores do mundo virtual, podendo gerar graves consequências. Danzmann et al. (2022) salientam que esse fato pode favorecer a exposição a riscos emocionais e sexuais, além da disseminação de informações íntimas nas redes sociais.

Ainda vale destacar que, por vezes, informações sexualizadas chegam aos adolescentes até mesmo sem eles realizarem a busca. Conforme citado por Freitas et al. (2021) em um estudo realizado com adolescentes, estes aludem já terem recebido conteúdos inapropriados de forma inesperada. Este fato exige ainda mais atenção dos pais e responsáveis, pois não é previsível a forma que o adolescente se comporta ao receber esse tipo de conteúdo.

Ademais, percebe-se que os adolescentes utilizam as redes sociais para buscar informações acerca da sexualidade, uma vez que este assunto por vezes é restrito em ambiente familiar, ficando à mercê do adolescente procurar informações pelas vias que têm acesso. Sendo assim, torna-se imprescindível desenvolver uma educação que seja guiada pelo diálogo entre os adolescentes, a escola e a família, garantindo assim que os adolescentes exponham o que aprenderam em ambiente virtual, para que seja discutido e construído um conhecimento juntamente com pais e educadores (MENIN, 2017).

#### **4. Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de campo e bibliográfica, que contou com a participação de 12 adolescentes entre 12 e 18 anos, residentes no município de Volta Redonda. Importante destacar que a riqueza do trabalho de campo se dá uma vez que o campo é um espaço

real, um fenômeno social e histórico, e que, portanto, é neste momento em que há a aproximação do pesquisador com a realidade (MINAYO, 2014).

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, a partir do parecer número 6.325.8366, a pesquisadora principal e suas orientandas enviaram, em agosto de 2023, uma mensagem de convite para participação na pesquisa por mensagem via WhatsApp, para pais, mães e responsáveis de sua rede de contatos, e solicitaram que eles divulgassem entre seus conhecidos. No referido convite, havia um link de Formulário Google para a coleta de informações de contatos de responsáveis, com o objetivo de identificar possíveis participantes - seus filhos.

Os pais que se dispuseram a autorizar a participação de seus filhos foram contatados, através de telefone e WhatsApp, para agendamento da entrevista e orientação sobre a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos mesmos, bem como, da leitura e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), pelos adolescentes participantes. Aos adolescentes de 18 anos, foi orientada a leitura e assinatura apenas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos, pais e adolescentes, precisaram ler e concordar com o TCLE e/ou TALE para, em seguida, efetivamente participarem da pesquisa através de uma entrevista com perguntas semiestruturadas, agendada de acordo com a possibilidade do entrevistado. As entrevistas, realizadas entre setembro e outubro de 2023, foram conduzidas pelas pesquisadoras, guiadas por um roteiro semiestruturado (APÊNDICE A) e gravadas, com o consentimento dos entrevistados, para facilitar a análise posterior. Foram entrevistados, ao todo, 12 adolescentes e cada entrevista durou, em média, 20 minutos.

Foram 17 as pessoas que entraram em contato inicialmente para participação na pesquisa a partir do Formulário Google. As perguntas do formulário consistiam em duas categorias: perguntas pessoais sobre o responsável (nome completo, idade da filha ou filho, município de residência); e questões específicas sobre o interesse em participar do estudo e número de contato. Os contatos dos pais, mães e responsáveis de adolescentes fora da faixa etária - 12 a 18 anos - e/ou residentes em municípios adjacentes a Volta Redonda foram excluídos. Deste modo, restaram 12 entrevistas a serem realizadas.

As entrevistas, semiestruturadas, permitiram aos entrevistados discorrerem livremente sobre o tema que lhes foi solicitado. A ordem dos assuntos abordados, neste tipo de entrevista, é determinada frequentemente pelas próprias preocupações e ênfases que os entrevistados dão aos temas e, desta forma, não obedece a uma sequência rígida (MINAYO, 2004). Portanto, os adolescentes participantes foram instruídos a falarem livremente sobre a sua vivência com o

uso de redes sociais, com destaque para análise da percepção dos entrevistados sobre os riscos relacionados à sexualidade no mundo virtual e os impactos para sua saúde.

O material qualitativo coletado foi gravado, transcrito e posteriormente trabalhado através da metodologia de análise dos discursos (MINAYO, 2004). Buscou-se, por um lado, ter uma visão de conjunto e, por outro, apreender as particularidades do material obtido através das entrevistas. Neste sentido, foram selecionadas quatro dimensões temáticas que se revelaram importantes para os objetivos da pesquisa.

## 5. Discussão e Análise

As entrevistas transcorreram com enfoque na percepção dos adolescentes quanto ao uso das redes sociais e o roteiro semiestruturado facilitou a apreensão de dados relacionados a este uso. Das 12 respostas obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A), 83,3% foram dadas por meninos. Todos os participantes da pesquisa são estudantes, usuários de redes sociais, com idades entre 12 e 18 anos, e residentes no município de Volta Redonda. O grau de escolaridade se restringe à Educação Básica, sendo apontado nas respostas maior incidência de respondentes cursando o Ensino Fundamental (7) e o restante cursando o Ensino Médio (5). As respostas obtidas sobre a idade de primeiro acesso nas redes sociais são diversificadas: 16,6% participantes iniciaram entre 5 e 7 anos; 50% entre 8 e 12 anos; 25% entre 13 e 15 e 8,3% entre 16 e 18 anos. Dentre estes, 5 respondentes iniciaram o uso com o próprio *smartphone*. Quanto à motivação para o início de navegação na virtualidade, 6 respostas apontam que houve a necessidade de comunicação com os responsáveis, 4 iniciaram por curiosidade e/ou vontade de interagir com os amigos e 2 para participar de jogos em rede. 11 participantes utilizam os próprios *smartphones* para acessar e interagir nas seguintes redes sociais: *Instagram* (11), *WhatsApp* (9), *TikTok* (5), Jogos em rede (3), *YouTube* (1).

As 12 respostas foram subdivididas nas seguintes faixas etárias: 7 de 12-14 anos e 5 de 15-18 anos. Quanto à durabilidade diária de acesso: 2 participantes gastam de 2-3 horas, outros 2, de 4-8 horas, e 8 deles passam mais de 8 horas por dia nas redes sociais. Destarte, as respostas obtidas sinalizam divergência em relação ao recomendado pelo Manual de Orientação da SBP (2019): aos adolescentes com idades entre 11 e 18 anos, é indicado limitar o tempo de telas e jogos de videogames a 2-3 horas/dia. Quanto ao compartilhamento de mensagens de texto, fotos e vídeos, 9 participantes relataram a interação virtual por meio de tal prática, e, dentre estes, 2 o fazem de forma pública, ou seja, sem restrições de privacidade. Sobre a interação com

estranhos, 50% das respostas obtidas sinalizaram que possuem amizades virtuais e 83,3% confirmaram interação com seguidores desconhecidos.

No que tange aos conteúdos de busca, apenas 2 dos respondentes afirmaram que acessam as redes sociais também com finalidade de estudo e aprendizagem, além de conteúdos relacionados à comédia, futebol, estilo e moda. Quanto ao possível impacto na autoestima provocado pelos conteúdos nas redes, verificou-se que 7 respondentes afirmaram existir tal influência, e, dentre estes, 5 acreditam que esta seja positiva, pois, com frequência acessam conteúdos relacionados à beleza e estética, em busca de autocuidado, sobretudo com o cabelo. Entretanto, quando se trata de terceiros (amigos, vizinhos, colegas de escola e outros), 10 participantes expressaram que esse impacto é negativo, em razão do exagero no uso de filtros na tentativa de alterar artificialmente a aparência.

Dentre as respostas obtidas, 4 sinalizaram o recebimento de conteúdos indevidos. Sobre isso, verificou-se na amostra a incompreensão quanto à vivência de experiências desagradáveis no meio virtual, uma vez que, quando questionados sobre isso, apenas 2 respondentes relataram vivências desta natureza. Contudo, 5 participantes relataram terem sido vítimas de *cyberbullying*, por meio de mensagens com xingamentos, e, por compartilhamento indevido de fotos pessoais. E ainda, 3 participantes receberam conteúdos de violência, 2 conteúdos íntimos de terceiros e 1 sofreu ataque hacker, isto é, o roubo de senha por um amigo virtual. Em relação ao *cyberbullying*, todos os respondentes mostraram conhecimento a respeito desse fenômeno como prática criminosa. 7 participantes conhecem alguma vítima e 3 ouviram falar de *cyberbullying* como crime por intermédio de mídias (noticiários, novelas e outros) e 9 receberam informação na escola sobre essa temática.

Quadro 1 - Informações básicas dos entrevistados

Nome	Sexo	Idade	Rede Social mais usada	Durabilidade diária de acesso	Início de acesso nas redes sociais (idade)
Entrevistado 1	Masculino	14	<i>Tiktok, WhatsApp, Instagram e Free Fire</i>	“Praticamente, o dia inteiro”	Aos 5 anos
Entrevistado 2	Masculino	18	<i>WhatsApp e Instagram</i>	Maior que 5 horas	Aos 12 anos
Entrevistado 3	Masculino	18	<i>WhatsApp e Instagram</i>	3 – 4 horas. Às vezes mais	Aos 13 anos
Entrevistado 4	Masculino	18	<i>WhatsApp</i>	“O tempo todo. Bastante tempo”.	Aos 14 anos
Entrevistada 5	Feminino	13	<i>Instagram</i>	“O dia inteiro”	Aos 11 anos

Entrevistado 6	Masculino	13	<i>Tiktok, WhatsApp e Instagram</i>	5 horas. Às vezes mais.	Aos 6, 7 anos
Entrevistado 7	Masculino	13	<i>WhatsApp e Instagram</i>	1-2 horas	Não soube informar
Entrevistado 8	Masculino	12	<i>Tiktok e Instagram</i>	3-5 horas	Aos 6 anos
Entrevistado 9	Masculino	14	<i>Instagram e Tiktok</i>	1 hora	Aos 12 anos
Entrevistado 10	Masculino	16	<i>Instagram e WhatsApp</i>	“Umas 10 ou 15 horas	Aos 15 anos
Entrevistado 11	Masculino	16	<i>Instagram e YouTube</i>	12 horas	Aos 13 anos
Entrevistada 12	Feminino	13	<i>WhatsApp e Instagram</i>	“Praticamente, o dia inteiro”	Aos 10 anos

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Como pode se observar no quadro acima, em relação às redes sociais, a incidência de acesso ao *TikTok* é mais frequente entre os mais novos e o *Instagram* revela-se como a rede social de maior uso, totalizando 91,6% da amostra. Sobre a durabilidade do acesso, chama a atenção o tempo gasto pelos respondentes, que foi colocado entre aspas por ser a transcrição literal das respostas obtidas. Segundo Eisenstein e Estefenon (2011), é observado inúmeros riscos advindos dessa interação virtual como o “aumento excessivo do número de horas em frente às telas, deficiência de sono, hábitos alimentares sedentários, queda no rendimento escolar, pornografia e pedofilia *online*” (EISENSTEIN, ESTEFENON, 2011, p. 42).

A partir da análise das entrevistas realizadas com os participantes acima descritos, elaborou-se quatro dimensões temáticas, a saber: “*A relação com as redes sociais e seus impactos na autoestima e na autoimagem*”; “*Os impactos físicos e emocionais em virtude da durabilidade do tempo de acesso*”; “*Conexões in-seguras*” e “*Informação como prevenção*”.

A primeira, “*A relação com as redes sociais e seus impactos na autoestima e na autoimagem*”, tem o objetivo de analisar como os adolescentes se relacionam nas redes sociais e quais são os impactos observados na autoestima e autoimagem individual e coletiva, com base nas próprias percepções dos adolescentes.

A segunda dimensão, “*Os impactos físicos e emocionais em virtude da durabilidade do tempo de acesso*”, versa sobre uma questão que chama muita atenção, pois, verificou-se que, há entre os respondentes, o reconhecimento do impacto na rotina de atividades diárias, apontado por 10 participantes; todos os entrevistados reconhecem que existem efeitos e/ou riscos quando

expostos à experiência negativa nas redes, contudo, nem sempre, os adolescentes sabem reconhecer uma experiência negativa.

“*Conexões in-seguras*” é a terceira dimensão, que trata da qualidade de interação e viabilidade de estratégias de segurança e privacidade nas redes sociais, segundo a percepção dos entrevistados. As redes sociais têm se tornado uma excelente ferramenta de comunicação e desenvolvimento e quando utilizada com cuidado e cautela pode ampliar as possibilidades de interação e de aprendizagem dos adolescentes. Entretanto, se utilizada para fins incorretos, esse instrumento pode tornar-se uma ameaça à saúde física e mental.

Todos os respondentes demonstraram desconhecimento sobre o significado de *sexting*, *sextorsão* e *grooming* e com estes termos. Quanto ao *sexting*, após a conceituação das pesquisadoras, 11 respondentes sinalizaram saberem da existência de tal prática. 1 respondente afirmou fazer uso de *sexting* em seus relacionamentos e 8 relataram que esta é uma prática comum de amigos e conhecidos. Sobre a *sextorsão* e o *grooming*, após a explicação das pesquisadoras, 10 participantes afirmaram conhecer o assunto. Sobre a *sextorsão*, 7 respondentes relataram experiências de pessoas próximas como vítimas, ao passo que, em relação ao *grooming*, 8 conhecem vítimas em seu meio social. Portanto, constata-se que, mesmo quando o adolescente se encontra no conforto e segurança de seu quarto, não está livre de perigos em virtude de relacionamentos nas redes sociais da *internet*.

Por fim, a quarta e última dimensão, denominada “*Informação como prevenção*”, aponta a relevância de uma educação orientada para a aprendizagem de ferramentas que promovam a prevenção de riscos e, portanto, uma navegação mais segura nas redes sociais. Convém ressaltar que, de acordo com o Marco Civil da *Internet*, Lei 12.965 (2014):

Cabe ao poder público, em conjunto com os provedores de conexão e de aplicações de *internet* e a sociedade civil, promover a educação [...] bem como a definição de boas práticas para a inclusão digital de crianças e adolescentes (BRASIL, 2014).

### *A relação com as redes sociais e seus impactos na autoimagem*

A era digital trouxe consigo um novo conjunto de desafios ao público juvenil, moldando sua percepção quanto à autoimagem. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SPB), entre os 15 problemas principais que os afetam está incluído o Transtorno da Imagem Corporal e da Autoestima. Essas questões estão intrinsecamente relacionadas ao uso precoce e excessivo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). O constante acesso às mídias sociais e

padrões de beleza idealizados nessas plataformas tem influenciado significativamente a autoimagem dos adolescentes.

A partir da análise das entrevistas, foi possível observar o impacto das redes sociais na autoimagem dos participantes e a experiência dos mesmos através das suas narrativas. O entrevistado 9 relata sobre a perda da autoconfiança em sua autoestima e como a busca por validação *online* pode resultar na percepção negativa de si mesmo.

Eu acredito sim, eu acho que através das redes sociais a gente acaba se importando muito com o que os outros acham, aí acaba que a gente não tem mais essa autoconfiança na nossa autoestima e acaba que prejudica um pouco mesmo (ENTREVISTADO 9).

Em suas entrevistas, o participante 1 relata ter sofrido comentários negativos relacionados à sua aparência:

É. Essa questão de...de eu ser gordinho, né! Aí, o povo... aí eles no *Instagram*, no *Free Fire* tem assim a 'bio', aí tá lá, e aí o povo entra pra ver seu *Instagram* e, aí vê que eu sou gordinho porque tem várias fotos minhas lá. Aí tem já, muita gente já que quando eu tô jogando: 'ah, não sei o que, cala a boca baleia', 'fica quieto gordão', muita gente já falou assim, é sobre isso, entendeu?! (ENTREVISTADO 1).

E o participante 3 mencionou a tendência de comparação na *internet*, destacando como isso pode afetar a autoestima e reconheceu o impacto da *internet* na autoimagem e como a representação *online* pode ser muito diferente da realidade: “Ah, sim, bastante, porque na *internet* você pode ser uma coisa e na vida real, pode ser outra. Aí você pode tirar uma foto e na vida real ser uma outra coisa”.

Outro entrevistado, o 8, afirma que o uso das redes sociais fez com que ele ficasse mais estiloso: “(...) fiquei mais estiloso, cuidei mais do cabelo (...)”. Em contraponto, o participante 6 relata ter assistido vídeos que apresentavam o seu tipo de cabelo como algo que não era bom.

Ah, sim. Porque às vezes, não é sobre o local que eu moro, mas às vezes eu vejo uns vídeos de cabelo assim, que eu tenho cabelo cacheado, e eles fica falando assim que cabelo crespo não é muito bom. E eu gosto muito quando eu passo assim o pente garfo e o meu cabelo fica meio crespo assim, meio Black Power. Eu gosto, né, então eu não ligo muito, não (ENTREVISTADO 6).

Na percepção dos entrevistados, o uso das redes sociais representa um importante recurso de interação, comunicação, entretenimento e aprendizagens, ora favoráveis ora desfavoráveis, sobretudo, quando se trata dos impactos na autoimagem e autoestima em relação a si mesmo e

na relação com o outro. Sobre isso, quando questionados se as redes exercem tal impacto, de acordo com a própria compreensão, o Entrevistado 2:

Sim, influencia muito. Muito mesmo. Igual, a rede engana muito. Tipo, é muito superficial. Ai tem pessoas que procura pra ficar, sabe, enchendo o ego. Tem outras que tira foto e nem é aquilo tudo, é efeito, né, filtros”. Principalmente o *Instagram* (pausa com expressão de pensamento), (...) tipo você vê um monte de pessoa tão bonita lá e nem é isso tudo, assim, cara! (...) Efeito. Nossa Senhora. Efeito demais, pô quando você olha a pessoa mesmo, não tem nada a ver com a foto, cara.

E o Entrevistado 12: “Sim, porque tem pessoas que falam: ‘olha como o meu cabelo tá feio, aí fala da roupa, da onde mora”.

Deste modo, faz-se importante lembrar que as mídias e tecnologias que nos cercam não estão apenas em aparelhos telefônicos, computadores ou TV. As telas estão por toda a parte, em postos de gasolina, nas ruas, lojas e comércios, veiculando, na maioria das vezes, imagens alteradas por aplicativos para a eliminação de características corporais consideradas indesejáveis para determinados padrões estéticos. Nas redes sociais, a exposição e o compartilhamento de tais imagens é comumente verificado nos relatos dos entrevistados, em virtude das relações virtuais e do desejo de alcançar os referidos padrões que estas propiciam, isto é, uma imagem adulterada do corpo.

A apologia quase universal veiculada pelas mídias, especialmente as digitais, à extrema magreza para as mulheres e de musculatura excessiva para os homens, não é estranha à essa extravagância. Cada dia, de fato, somos confrontados nos filmes, séries, clipes musicais, videogames ou *Instagram* com um tsunami de tipos físicos totalmente “anormais” (no sentido estatístico do termo). E o problema é que, de tanto se ver apenas corpos excepcionais, acabamos pensando que eles são a norma e que nós somos a exceção (DESMURGET, 2022, p. 237).

Em relação ao corpo,

É a formidável convergência de práticas relativamente recentes, ou de sucesso recente, que faz com o que o corpo seja muitas vezes vivido como um acessório da presença (...). O corpo é um objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido. Vejam o sucesso da cirurgia estética: trata-se de fato de mudar o seu corpo para mudar sua vida (LE BRETON, 2008, p. 10).

Dados expressivos da SBCP (Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica) revelam que o Brasil lidera o ranking mundial de cirurgias plásticas entre adolescentes. Segundo Vicente e Liz (2019), cirurgiões plásticos brasileiros já fizeram procedimentos para aumentar os seios de mulheres com 17 anos ou menos. Ainda, de acordo com a revista eletrônica Portal dos Hospitais

Brasil (2021), houve, na última década, um aumento de mais de 140% na ocorrência de procedimentos cirúrgicos por jovens entre 13 e 18 anos.

A rinoplastia é cirurgia mais procurada pelos jovens, porém o implante de silicone e lipoaspiração, também são bastante demandados. O motivo deste aumento segundo especialistas, se deve principalmente pelas redes sociais e o aumento com a insatisfação com a própria imagem (PORTAL DOS HOSPITAIS BRASIL, 2021, n.p).

Observou-se, nesta dimensão de análise, que a aparência física é validada como uma grande preocupação pelos mais jovens e se apresenta potencializada em razão do acesso às redes sociais e ao avanço da tecnologia, que os expõe continuamente a imagens alteradas artificialmente, como um apelo ao encaixe no padrão desejado.

#### *Os impactos físicos e emocionais em virtude da durabilidade do tempo de acesso*

Nesta dimensão, é possível relacionar o tempo de acesso diário aos potenciais riscos físicos e emocionais provenientes do excesso e/ou da qualidade da interação nas redes. Através entrevistas realizadas, ficou evidente que os dispositivos eletrônicos desempenham um papel significativo na vida dos adolescentes. A maioria dos entrevistados compartilhou suas experiências em relação ao uso de redes sociais e como essas ferramentas ocupam um espaço central em suas rotinas diárias, impactando profundamente na maneira como eles interagem com o mundo ao seu redor.

A linha limite que separa o uso produtivo e equilibrado da dependência da *internet* do uso patológico, está sim cada vez mais tênue. Trata-se de uma questão de grau não só do uso quantitativo e das intermináveis horas diante do computador como também da qualidade dos conteúdos explorados na rede (EISENSTEIN, ESTEFENON, 2011, p. 46).

Ao longo das entrevistas semiestruturadas, verificou-se que 66,6% dos respondentes utilizam as redes sociais por um tempo igual ou superior a 8 horas diárias e estes reconhecem que há interferência na execução de outras atividades, sobretudo, estudar e dormir. O Manual da SBP (2019) ajuda a entender grande parte destas ações ao explicar que a maturação do córtex pré-frontal (responsável por autorregulação, controle dos impulsos etc) não ocorre no mesmo ritmo do desenvolvimento do sistema límbico (responsável pelas emoções), descompasso esse intensificado ao longo da adolescência.

[...] Daí os comportamentos típicos dos adolescentes, não só de curiosidade e impulsividade, mas quando arriscam seus próprios limites, inclusive durante a participação nos jogos de videogames, desafios virtuais, selfies em locais extremos e

inseguros ou nas redes sociais. O uso da *Internet* e as gratificações significativas, por pontos ou “likes”, recebidas por estes comportamentos nos jogos ou redes perpassam pelos mecanismos de recompensa e da produção do neurotransmissor dopamina (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019, p. 3).

Pelas respostas obtidas, é possível identificar as alterações no padrão de sono, e, também de vigília, em virtude da durabilidade de interação virtual.

No meu dia a dia, eu chego da escola meio-dia a meio-dia e meia, aí vai de uma hora até sete horas da noite direto (...) Aí dá aquelas pausas pra dormir, mas vai praticamente o dia inteiro. (...) essas horas que eu fico jogando, vendo vídeo, eu podia tá estudando. Isso atrapalha. Interfere muito. Atrapalha muito (ENTREVISTADO 1).

No mesmo sentido, o participante 2: “Sem ver o tempo, vai passando vídeo, aí vem outro e vira aquele *looping*. Pô, chega a atrapalhar também, hora de dormir. Pô precisa fazer um trabalho, aí eu não consigo. É ruim”. Entrevistado 5: “É muito vergonhoso eu falar isso, mas eu uso, assim, o telefone o dia inteiro. Mas eu tiro uma hora e meia pra estudar e aí eu fico o resto do dia todo no celular”. E por fim, “Eu gasto umas 10 ou 15 horas” (ENTREVISTADO 10), assim como o Entrevistado 12: “Praticamente o dia inteiro. 24horas”.

O uso prolongado traz sérios riscos à saúde física e impactos em vários sistemas corporais com implicações motoras, fisiológicas e cognitivas, cuja repercussão afeta diversas atividades, por exemplo:

1 - Fadiga ocular e o ressecamento da conjuntiva – síndrome do olho seco -; 2 - Síndrome do Túnel do Carpo e LER (Lesão de Esforço Repetitivo); 3 - Transtorno do sono com alterações significativas do humor; 4 - Riscos auditivos por exposição aguda ou trauma acústico e também pela exposição crônica ou PAIR, perda auditiva induzida; 5- Transtornos do sedentarismo como a obesidade abdominal devido aos longos períodos sentados; 6 - O peso do desleixo postural levando a transtornos posturais como a hipercifose, a cervico-braquialgia; 7- O uso de drogas e medicamentos oferecidos através de compras realizadas pelo computador; 8 - O uso de drogas digitais e músicas e sons capazes de provocar sensações sensoriais ou efeitos mentais psicodélicos, inclusive crises convulsivas (EISENSTEIN, ESTEFENON, 2011, p.47).

Importante destacar, conforme as informações no quadro 1, que o início do uso de dispositivos eletrônicos pelos entrevistados se deu antes do período da pandemia de *Covid-19*, quando houve a necessidade de acesso às redes, devido à imposição de isolamento como barreira sanitária e também para a continuidade das atividades escolares. Como ilustra as seguintes falas, “Comecei a usar com uns 7, 6 anos, no celular da minha mãe. No meu celular foi aos 9” (ENTREVISTADO 6). Já o outro participante, “Eu comecei a usar aos 6 anos, no celular da minha avó. Com 7 ganhei o meu celular”. (ENTREVISTADO 8). Por fim, o

Entrevistado 1: “Comecei com 5 anos nos jogos em rede. Os jogos vêm de muito, muito tempo mesmo. Com 7, 8 ganhei o meu celular. Antes, usava o da minha mãe”.

Percebeu-se, nas entrevistas realizadas, que embora os participantes sejam usuários das redes sociais há algum tempo, nem sempre conseguem reconhecer uma experiência desagradável, como o *cyberbullying*, por exemplo. Inicialmente, quando questionados se já haviam vivenciado alguma experiência negativa na interação virtual, apenas 2 participantes responderam que sim. No entanto, 7 declararam ter sido vítimas de *cyberbullying*, por receberem mensagens ofensivas como alvo de insultos *online*. Em relação a terceiros, isto é, ao meio social em que estão inseridos, 8 respondentes conhecem alguém próximo que sofreu *cyberbullying*. Todos os respondentes informaram ter conhecimento sobre o que é o *cyberbullying* e reconheceram esta prática como criminosa e que pode causar impactos emocionais negativos, como sentimento de tristeza, ansiedade e desconforto.

O entrevistado 1 compartilhou sua experiência com *cyberbullying*, em que foi alvo de insultos devido à sua aparência física, especificamente seu peso. Isso destaca como as redes sociais podem ser um terreno fértil para o assédio e o *bullying*, afetando a autoestima e o bem-estar emocional das pessoas. Embora este participante afirme que não internaliza esses comentários ao ponto de afetar a sua autoestima, ele reconhece que, para muitos, essa exposição a críticas pode ter consequências mais graves, incluindo depressão e ansiedade.

(...) quando os outros me fazem isso, me chamam de gordo, eu tipo assim, não levo para o meu coração. Isso sai, entra num ouvido e sai no outro. Pra mim. Mas pra outros, pra outras pessoas, isso é muito perigoso, porque tem gente que, que tem depressão, tem ansiedade e faz uma coisa dessa, pode ter gente que pode se matar, gente que pode ficar internada, então isso, na minha opinião, porque eu não ligo pra essas coisas, mas pra outras pessoas isso é uma coisa que pode acontecer algo fatal (ENTREVISTADO 1).

E o Entrevistado 5: “Tem umas semanas pra trás que uma conta me mandou mensagem me xingando. Me xingando e falando um monte de coisa, só que eu não respondi. Aí a pessoa me ligava, me enchendo o saco, aí eu fui e bloqueei e parou”.

No mesmo sentido, os Participantes, 4: “Com apelidos assim, já”, e o Entrevistado 6: “Ah, a pessoa pode ficar muito triste e pode ter depressão (...) e depressão mata, né? Porque a pessoa fica triste e dá vontade de fazer coisas horríveis. (...) e provavelmente a pessoa iria se matar”.

Observou-se uma notável exposição dos adolescentes nas redes sociais, com alguns ultrapassando 24 horas de conexão, contrariando as diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019). Essa exposição não apenas os torna vulneráveis a crimes virtuais, como *cyberbullying* e sextorsão, mas também amplia o isolamento social, impactando negativamente

o desenvolvimento social e expondo-os a riscos emocionais. Os impactos negativos à saúde física são evidentes, como a prática excessiva, contribuindo para sedentarismo, obesidade e problemas posturais. É urgente abordar o uso excessivo de redes sociais, considerando não apenas o tempo de exposição, mas também os desdobramentos sociais e de saúde. Essa análise reforça a importância de políticas públicas que promovam equilíbrio saudável entre o uso da tecnologia e o bem-estar dos adolescentes.

### *Conexões in-seguras*

Novos problemas têm surgido em decorrência do uso excessivo da *internet* e das redes sociais, como: o *sexting*, a sextorsão e o *grooming*, por isso, faz-se importante o diálogo que possibilite o uso mais seguro e saudável das mídias de informação e comunicação. O ciberespaço, com toda certeza, é um lugar que aproxima as pessoas com um propósito em comum, todavia, também favorece atuação de pessoas com má índole, que se utilizam da imaturidade de adolescentes, despertando a curiosidade destes para outros fins. Os entrevistados 1 e 3 mencionaram que já viram casos em que indivíduos foram ameaçados do vazamento de informações pessoais ou imagens comprometedoras. Os demais entrevistados reconhecem que essas ameaças podem levar a coações, nas quais as vítimas sejam forçadas a fazer coisas contra sua vontade, resultando em impacto emocional negativo.

A prática de *sexting*, também pelos adolescentes, foi observada a partir das entrevistas. 8,3% dos respondentes relataram usar o sexting como forma de se relacionar, 75% declararam conhecer pessoas que fazem uso do sexting e 100% dos participantes não conheciam esse termo, assim como sextorsão e *grooming*, embora saibam que existem tais ações criminosas. Sobre a sextorsão, possível consequência do *sexting*, verificou-se que 25% conhecem uma vítima.

Um amigo meu mesmo, eu até parei de falar com ele. Ele tava ameaçando a garota para conseguir coisas dela, e se ela não fizesse, ele ia explicar a foto dela pra um monte de gente, até pra família dela (ENTREVISTADO 3).

Assim como, Entrevistado 10:

Eu tenho uma amiga que teve um relacionamento com um menino, e uma menina, que era amiga dele, me falou que ele enviou a foto dessa minha amiga tomando banho,

depois que eles terminaram o namoro e ela não sabe que está sendo exposta e pode até ser vendida as fotos dela.

E o Entrevistado 5 destaca: “Tem um monte de meninas da minha rua que já passou por isso, mas as mães dela resolveram, elas foram na delegacia e tals”.

Quanto ao *grooming*, verificou-se que 25% dos respondentes relataram conhecer uma vítima ou já terem ouvido ouviu falar em noticiários e novelas. É possível verificar na fala do Entrevistado 1:

É o que aconteceu com a minha amiga aí, ó que eu te falei logo no namoro abusivo. A pessoa que mandou pra ela, era uma pessoa de 14 anos, só que quando as fotos foram chegando, a pessoa tinha 50 anos. Ela ficou muito, muito, muito triste mesmo porque ela amava o garoto. Ele disse pra ela que tinha 14 anos, mas as fotos foram chegando e descobriram que ele tinha 50.

Nesta continuação, o Entrevistado 3:

No noticiário, eu vi um cara, acho que de 30 anos, se passando por uma criança de 15” (...) Já, até recente agora, o *Discord* estava ameaçando crianças, aí eles pegavam a foto e explanavam na *internet*.

Isto posto, chama a atenção que 91,6 % dos respondentes afirmaram manter amizade virtual com desconhecidos e 83,3% compartilham fotos e vídeos pessoais de forma pública, ou seja, sem restrições de privacidade. Essa interação com desconhecidos pode resultar em riscos de segurança e, em alguns casos, afetar a saúde emocional, especialmente se as interações forem negativas ou prejudiciais.

### *Informação como prevenção*

Para os jovens, o mundo *online* é atrativo e de fácil dispersão quando se trata de assuntos não relacionados a trabalho ou estudo. É considerado por muitos um campo sem regras e limitações em que os usuários, em geral, desfrutam de seus conteúdos sem muitas censuras. A tecnologia mudou os relacionamentos interpessoais, diminuindo a distância e o tempo nas comunicações, mudando a relação entre os indivíduos. A imersão da tecnologia e da rápida comunicação é observada no cotidiano humano, sendo necessário o estudo e a solução dos efeitos negativos do desenvolvimento tecnológico para uma vivência saudável da sociedade tecnológica.

Sobre a possibilidade de uma navegação mais segura nas redes sociais, é fundamental destacar a importância do Marco Civil da *Internet*, Lei n ° 12.965 de 2014. Essa Legislação

estabelece um conjunto de normas destinadas a assegurar a segurança e proteção das crianças e adolescentes no ambiente *online*. Conforme o disposto nesta lei, a responsabilidade de promover a educação e estabelecer diretrizes para inclusão segura de crianças e adolescentes na *internet* recai sobre o poder público, em colaboração com os provedores de serviços de *internet* e a sociedade civil (BRASIL, 2014). Essa iniciativa tem como objetivo criar um ambiente virtual no qual os jovens possam explorar, aprender e se conectar com segurança, minimizando os riscos potenciais que a *internet* pode apresentar.

Na presente pesquisa, os resultados revelaram uma unanimidade de opinião entre os adolescentes entrevistados, de que a escola deve abordar o tema da conexão segura. O participante 1 acredita que a escola deve ter aulas específicas sobre o uso seguro da *internet*, semelhante as aulas de informática, enfatizando a importância da escola em educar e aconselhar os alunos sobre questões *online*.

Pra mim, tipo assim, tinha que ser aula específica pra uso de *internet*. Que nem de informática assim, tinha que ter uma aula específica pra isso, pra uso de *internet*. Que a escola tinha que educar mais, aconselhar as crianças sente esse negócio de *internet* (ENTREVISTADO 1).

O entrevistado 2, embora reconheça os desafios, destaca a importância da orientação continua nas escolas para ajudar a prevenir problemas, especialmente para aqueles que podem ser mais vulneráveis:

Ah, não tem como fazer nada, agora, mas seria bom. (...) ter uma orientação sempre (...) mas o que der pra ajudar algumas pessoas (...) porque tem muita menina hoje em dia, de cabeça fraca, por causa de bobeirinha vira uma bola de neve. Hoje em dia tá muito difícil. Tá muito difícil. A segurança é bem difícil, e vai ser bem difícil ter esse jogo de cintura pra você conseguir controlar. Não tem como mais, todo mundo tem acesso ao telefone, em qualquer lugar, então, não tem como, vai ser bem difícil mesmo (ENTREVISTADO 2).

Durante as entrevistas, ao responderem à pergunta sobre os recursos e apoio que os adolescentes julgam necessários para lidar com a situação de sexting, sextorsão e *grooming*, os participantes compartilharam o desejo de que a escola se torne uma fonte valiosa de orientação nesses assuntos. Eles enfatizaram a importância de receber educação sexual, sobretudo no contexto das redes virtuais, como uma medida essencial, como o Entrevistado 4: “Sim. Na minha escola mesmo, a gente tem uma professora lá né, se não me engano, acho que é até de ciências. Ela fala bastante com a gente, gosta da matéria. Ela fala bastante e ajuda sim”.

Nesta continuidade, se destaca também as seguintes falas: “Sim, poderiam dar palestras sobre isso. Seria bom para os alunos refletirem mais” (ENTREVISTADA 5). Entrevistado 10

“Eu acho, acho sim. Eu acho que o máximo de orientação que os alunos tiverem nas escolas, igual eu falei, porque se em casa não tiver uma base muito boa a escola vai ajudar se precaver”.

E por último, Entrevistado 1:

Pra mim, tipo assim, tinha que ser aula específica pra uso de *internet*. Que nem de informática assim, tinha que ter uma aula específica pra isso, pra uso de *internet*. Que a escola tinha que educar mais, aconselhar as crianças sente esse negócio de *internet*”.

Essas opiniões indicam a diversidade de pontos de vista dos adolescentes sobre a contribuição da escola para a segurança *online*, com destaque para a educação sexual, enfatizando a importância de abordar esses tópicos de maneiras mais abrangentes e eficazes nas instituições educacionais.

Com base nos resultados, evidencia-se a necessidade de implementação de programas educacionais, considerando a inclusão no currículo e a realização de palestras e outras ações de promoção de saúde sobre conexão segura e suas implicações para a segurança *online*. Importante ressaltar que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) lançou, em 2019, uma Ementa Digital voltada aos discentes do Ensino Médio, cujos conteúdos relacionados ao currículo e ao enfrentamento do *bullying*, abordam a cultura digital.

A eletiva tem como objetivo desenvolver competências e habilidades relacionadas à cidadania digital para estudantes do ensino médio na perspectiva de bem-estar, privacidade, convivência e segurança em ambientes digitais. Ao longo da eletiva, o estudante será convidado a analisar e refletir sobre seus comportamentos nos ambientes digitais, visando estabelecer uma relação entre saúde emocional, autoimagem e comportamentos sociais *online* (BRASIL, 2019, p. 4).

A conscientização sobre os riscos na *web* e a promoção de uma navegação segura nas redes sociais são, portanto, elementos essenciais na sociedade digital contemporânea. Os depoimentos dos respondentes destacam a necessidade de ações preventivas e educacionais por parte das instituições de ensino preparar indivíduos a lidar com ameaças *online*. Portanto, é fundamental que a sociedade e as instituições reconheçam a importância da informação como ferramenta de prevenção e estejam dispostas a investir nesse aspecto para garantir um ambiente *online* mais seguro e consciente.

## 6. Considerações finais

Este estudo oferece uma visão valiosa das percepções e experiências de adolescentes em relação ao uso das redes sociais. Os resultados apontaram para como os adolescentes se relacionam com o mundo virtual e como isso afeta sua autoimagem e interações *online*. Além

disso, destacaram a necessidade premente de conscientização e educação digital para a prevenção de comportamentos de risco *online*.

A motivação para o uso das redes sociais aponta para uma diversidade de razões, desde a necessidade de comunicação com os responsáveis, até a curiosidade e a busca por interação social. A duração diária de acesso, com mais de 8 horas por dia para a maioria dos participantes, indica para a necessidade de equilibrar o tempo gasto nas redes sociais com outras atividades. Isso se torna particularmente importante, dado o impacto na saúde mental e no bem-estar dos adolescentes.

A predominância do *Instagram* e do *WhatsApp* como as redes sociais mais utilizadas, destaca a importância dessas plataformas na vida dos adolescentes, bem como os desafios relacionados à autoimagem que podem surgir, devido à exposição constante a padrões de beleza idealizados. A influência das redes sociais na decisão de realizar cirurgias plásticas entre adolescentes sugere a necessidade de promover uma imagem corporal positiva e realista, longe de padrões inatingíveis. Os impactos na autoimagem evidenciados pelos entrevistados sublinham a influência significativa das redes sociais na percepção de si mesmos, enfatizando a necessidade de promover uma imagem corporal saudável e realista.

A interação com estranhos e a exposição a conteúdos indevidos e *cyberbullying* destacam os riscos associados à comunicação *online*, ressaltando a importância da educação e da prevenção para proteger os adolescentes. A falta de familiaridade dos adolescentes com termos como *sexting*, sextorsão e *grooming* aponta para a necessidade de aumentar a conscientização e a alfabetização digital, para que os jovens possam reconhecer e lidar com situações de risco.

Deste modo, este estudo oferece informações e reflexões valiosas sobre como os adolescentes percebem e lidam com os riscos relacionados à sexualidade no mundo virtual. Promover a educação, a prevenção e o diálogo aberto entre adolescentes, escola e família é crucial para garantir que os jovens naveguem com segurança no ambiente digital e desenvolvam uma compreensão saudável de sua autoimagem e sexualidade. A psicologia e a educação digital desempenham papéis essenciais na orientação dos adolescentes para um uso responsável e

seguro das redes sociais. Este estudo contribui para uma base de conhecimento que pode informar estratégias eficazes de intervenção e prevenção nesse contexto.

## Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABREU, Cristiano Nabuco; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Graciela Bruno (org.). **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BORGES, Helena. **Brasil lidera o ranking de cirurgia plástica entre adolescentes**. 9 maio 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil-lidera-ranking-decirurgia-plastica-entre-adolescentes-23651891>. Acesso em: 4 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Recomendações e orientações para elaboração e arquitetura curricular dos itinerários formativos. frente currículo e novo ensino médio**. Brasília: MEC/CONSED, 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.829, de 25 de novembro de 2008**. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, para aprimorar o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil, bem como criminalizar a aquisição e a posse de tal material e outras condutas relacionadas à pedofilia na internet. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm). Acesso em: 24 maio 2023.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acesso em: 23 nov. 2023.

BRETAN, Maria Emília Nobre. **Violência sexual contra crianças e adolescentes mediada pela tecnologia da informação e comunicação: elementos para a prevenção vítima**. 2012. Tese (Doutorado em Direito) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde22042013111456/publico/TESE\\_RESUMIDA\\_MARIA\\_EMILIA\\_A\\_N\\_BRETAN\\_FD\\_USP2012.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde22042013111456/publico/TESE_RESUMIDA_MARIA_EMILIA_A_N_BRETAN_FD_USP2012.pdf). Acesso em: 3 mar. 2023.

CARDOSO, Andre Tavares; FALCKE, Denise; MOSMANN, Clarisse Pereira. Sexting en la adolescencia: percepciones de los padres. **Ciências Psicológicas**, p. 19, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v13i1.1806>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CETIC.BR. **TIC kids online brasil**. [S. l.: s. n.], 2022.

CHILDHOOD INSTITUTO. **Navegar com segurança**: por uma infância conectada e livre de violência sexual. 3. ed. São Paulo: CENPEC/Childhood Instituto, 2012.

DANZMANN, Pâmela Schultz et al. Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11, p. 3981, 21 fev. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.2022.3981>. Acesso em: 12 jun. 2023.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**: por que, pela 1ª vez, filhos têm qi inferior ao dos pais. 3. ed. [S. l.]: Vestígio Editora, 2021.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana B. Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v. 10, (Supl. 2), p. 42-52, 2011.

FREITAS, Rodrigo Jacob Moreira de et al. Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental. **Enfermería Global**, v. 20, n. 4, p. 324-364, 8 out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/eglobal.462631>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2008.

MARCELINO, Carla Andréia Alves da Silva. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: Contentus, 2020. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/114696/epub/0?code=rX3np+urX>

OiC09VtxTOikHgxyRP/KEwiVUfqcUv5nmpVHWrDhJ+5uq6z/P5JxCwyMs/WCM+J7Z8q3vMOmi+EfQ==. Acesso em: 17 nov. 2022.

MEJÍA-SOTO, G. Sexting: una modalidad cada vez más extendida de violencia sexual entre jóvenes. **Perinatol Reprod Hum**, v. 28, n. 4, p. 217-221, 2014.

MENIN, Franciéle Trichez. **Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet**. 2017. 174 p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2017.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Hucitec / Abrasco, 2004.

PORTAL HOSPITAIS BRASIL. **Brasil é o top 1 mundial em número de cirurgias plásticas**. 4 out. 2021. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/brasil-e-otop-1-mundial-em-numero-de-cirurgias-plasticas/>. Acesso em: 4 nov. 2023.

RIDEOUT, Victoria; ROBB, Michael B. **The common sense census: media use by tweens and teens**. San Francisco: Common Sense Media, 2019. 76 p.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **#MENOS TELAS #MAIS SAÚDE**. [S. l.]: SBP, 2019. 11 p. Disponível em: [https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/07/22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_MaisSaude.pdf](https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/07/22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf). Acesso em: 12 mar. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Saúde de crianças e adolescentes na era digital**. [S. l.]: SPB, 2016. 13 p. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/11/19166d-MOrient-SaudeCrian-e-Adolesc.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-SaudeCrian-e-Adolesc.pdf). Acesso em: 4 abr. 2023.

VICENTE, Isadora; LIZ, Larissa. **Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas entre jovens – Cotidiano UFSC**. 29 nov. 2019. Disponível em: <https://cotidiano.sites.ufsc.br/queria-tanto->

que-nao-senti-nenhuma-dor-brasil-lideraranking-de-cirurgias-plasticas-entre-jovens/. Acesso em: 4 nov. 2023.

YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco (org.). **Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Projeto: O uso disfuncional da *internet*: Riscos para a saúde do adolescente.

- Idade do adolescente
- Quais redes sociais você mais utiliza e com que frequência as acessa?
- Você utiliza as redes sociais principalmente por meio de um dispositivo móvel (como *smartphone* ou *tablet*) ou através de um computador?
- Com que idade você começou a usar as redes sociais e por que decidiu ingressar nelas?
- Quais são os principais motivos que o(a) levam a usar as redes sociais? É principalmente para se conectar com amigos, acompanhar notícias, seguir influenciadores ou por outros motivos?
- Quais são os tipos de conteúdo que você mais consome nas redes sociais? São postagens de amigos, vídeos engraçados, notícias, ou algo mais?
- Você já teve experiências negativas ou desagradáveis nas redes sociais, como *cyberbullying* ou assédio *online*? Como você lida com essas situações?
- Você acredita que as redes sociais têm impacto na sua autoestima? Se sim, de que forma?
- Você costuma interagir com pessoas que não conhece pessoalmente nas redes sociais? Como você decide se conectar com alguém desconhecido?
- Quanto tempo em média você passa nas redes sociais todos os dias? Você já sentiu que isso afeta outras áreas da sua vida, como estudos ou relacionamentos pessoais?
  - Você já ouviu falar dos termos "sexting", "sextorsão" e "grooming"? Se sim, pode explicar brevemente o que entende por cada um deles?
  - Você já teve alguma experiência pessoal ou conhece alguém que tenha passado por situações relacionadas ao sexting, sextorsão ou *grooming*?
  - Quais são os principais riscos que você associa ao envolvimento em atividades de sexting? ● Você acredita que a prática do sexting pode ter consequências negativas para a vida pessoal e social dos adolescentes? Por quê?  
Quais são os principais riscos que você associa à prática de sextorsão?
    - Você acha que a prática de sextorsão é um problema comum entre adolescentes? Por quê?
    - O que você entende por *grooming*? Você acredita que é um risco significativo para os adolescentes? Por quê?
    - Quais são as principais precauções que você acha que os adolescentes devem tomar para se protegerem do sexting, sextorsão e *grooming*?

- Você acredita que a educação sexual nas escolas deve abordar esses temas de forma mais aprofundada?
- O que você acha que seria necessário para melhorar a experiência das redes sociais e torná-las mais positivas e seguras para os adolescentes?
- Quais recursos ou suportes você acha que os adolescentes deveriam ter para lidar com situações de sexting, sextorsão ou *grooming*?

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa “O Uso Disfuncional da *Internet*: Riscos para a Saúde do Adolescente”, sob responsabilidade e orientação da pesquisadora Profa. Dra. Camila Miranda de Amorim Resende e sua equipe formada pelos acadêmicos: Elen Dione Garcia Machado Veloso e Ursula Souza da Silva, tendo por objetivo compreender a percepção de adolescentes usuários de rede virtual quanto aos riscos relacionados à articulação entre *internet* e sexualidade: *sexting*, sextorsão e *grooming*, entre adolescentes de 12 a 18 anos, no município de Volta Redonda. Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB – FERP) de Volta Redonda.

Para realização deste trabalho, você será convidado(a) a dar seu depoimento sobre o tema em questão de forma livre, guiado apenas por um roteiro de perguntas elaborado pela pesquisadora principal. Nesse momento, os futuros entrevistados serão informados do compromisso dos pesquisadores com o anonimato e serão conduzidos à leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Precisarão, eles e seus responsáveis, ler e concordar com o TCLE e o TALE para, em seguida, efetivamente participarem da pesquisa. Aos interessados com 18 anos completos não será necessário o consentimento prévio de seu responsável, sendo garantida a sua participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista será gravada para que depois seja ouvida e estudada pelos pesquisadores sem que sofra nenhuma alteração relativa ao que foi dito. O uso do gravador deve ser permitido por você, mas quando quiser que desligue é só falar.

Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-

lo tais como filmagens, fotos, gravações etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos, esclarecemos que a entrevista e o uso do gravador, é considerado seguro, mas é possível a ocorrência de algum tipo de desconforto, pois, falar abertamente sobre temas sensíveis como *sexting*, sextorsão e *grooming*, pode trazer constrangimentos e/ou lembranças. A psicóloga responsável pela pesquisa estará próxima e acessível sempre que houver necessidade.

A sua participação auxiliará na ampliação do conhecimento nesta área de pesquisa, sobre os riscos do uso disfuncional da *internet* para a saúde do adolescente.

O senhor (a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de que em caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores, inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, eles serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos a senhora deve procurar os pesquisadores por meio do endereço: Rua Deputado Geraldo Di Biase, nº 81, Aterrado Volta Redonda ou diretamente os pesquisadores: (21) 972779021 do/a pesquisador/a Camila Miranda de Amorim Resende. Tel:(24) 998465677 Elen Dione Garcia Veloso Machado. Tel: (24) 99953-1280 Ursula Souza Silva.

Maiores dúvidas, favor entrar em contato com o CEP-UGB. E-mail: cepugb@ugb.edu.br ou 24- 33451700.

#### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu \_\_\_\_\_, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

( ) Aceito a gravação da entrevista. ( ) Não aceito a gravação da entrevista.

Volta Redonda, \_\_\_/\_\_\_/2023.